

OS DESACORDOS MORAIS E O CASO DO VIOLINISTA

BRUNA SCHNEID DA SILVA¹
JULIANO SANTOS DO CARMO²

¹ Universidade Federal de Pelotas – brunaschnied@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – juliano.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Diversos são os casos em que nos encontramos diante de dilemas morais. Questões como: O casamento homossexual é moralmente correto? A “mutilação feminina” que ocorre em partes da África é moralmente errada? O suicídio assistido, para casos de doença terminal, é moralmente permissível? Estas são algumas das questões que permeiam os debates acerca dos desacordos morais.

Os desacordos morais transpassam a sociedade em que vivemos, e são ainda mais presentes quando influenciados por diferentes grupos culturais, sociais, econômicos e congêneres, todavia também são encontrados dentro dos grupos culturais. Os desacordos são compreendidos por eticistas como um colapso no universo moral, os desacordos são aqueles casos em que não há um consenso sobre o caso em questão. Diversos são os casos os quais deparamos em nosso cotidiano, que são alvos de desacordos morais, entre estes estão a homossexualidade, mutilação feminina, canibalismo, etc.

As diferenças de gênero tendem a representar categoria significativa em nossos desacordos morais sobre aborto. Pensando nisto, Buckwalter e Stich aplicaram um experimento a 298 pessoas com o intuito de investigar o que mulheres e homens responderiam após serem apresentados ao experimento de pensamento do violinista de Judith Thomson, experimento de pensamento este que é analoga a uma situação de aborto, os participantes do experimento são convidados a responder se o aborto é moralmente proibido, moralmente permissível ou moralmente obrigatório. São notáveis os desacordos entre os gêneros femino e masculino.

2. METODOLOGIA

Análise qualitativa em bibliografia especializada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciarmos a discussão acerca dos desacordos morais, imaginemos a seguinte situação:

Você acorda pela manhã e encontra-se de volta à cama com um violinista inconsciente. Um famoso violinista inconsciente. Ele foi diagnosticado com uma doença renal fatal, e a Society of Music Lovers analisou todos os registros médicos disponíveis e descobriu que você sozinho tem o tipo de sangue certo para ajudar. Eles, portanto, sequestraram você e, ontem à noite, o sistema circulatório do violinista foi conectado ao seu, de modo que seus rins podem ser usados para extrair venenos de seu sangue. O diretor do hospital agora lhe diz: "Olha, sentimos que a Society of Music Lovers fez isso com você - nunca teríamos permitido se soubéssemos. Mas ainda assim eles fizeram isso

e o violinista agora está conectado em você. Para desconectá-lo, seria necessário matá-lo. Mas não importa, é só por nove meses. Até então ele se recuperará de sua doença e pode ser desconectado de você.” (THOMPSON, 1971, P.72)

Esse é um conhecido experimento de pensamento elaborado por Judith Thompson, no artigo *A Defense of Abortion*, 1971. Este experimento foi elaborado pela autora como uma analogia ao aborto, para alguns o aborto é pior que um assassinato enquanto para outros é como um procedimento médico necessário. A questão do aborto é passível de uma quantidade relevante de desacordos morais, pensamos que as pessoas discordam em algumas questões morais pois tem intuições morais diferentes. Em um artigo chamado *Gender and Philosophical Intuition*, Wesley Buckwalter e Stephen Stich defendem que quando mulheres e homens sem treinamento filosófico são apresentados a experimentos de pensamento que são comumente utilizados na filosofia as intuições extraídas desses experimentos hipotéticos são significativamente diferentes.

Para comprovar essa tese de que mulheres e homens tem intuições morais, sobre casos de aborto, diferentes, Buckwalter e Stich aplicaram um experimento com 122 mulheres e 176 homens, para estes foi lido o experimento do *Violinista*, citado acima, e foram questionados da seguinte forma: “Puxar o plugue de sustentação do violinista é?” os participantes deveriam escolher em uma escala de 1 a 7, onde 1 corresponde a “moralmente proibido”, 4 a “moralmente permissível” e 7 corresponde a “moralmente obrigatório” (BUCKWALTER, STICH, 2011).

O que foi descoberto com o experimento é que os homens possuem maior probabilidade em dizer que o plugue deve ser puxado, enquanto as mulheres tendem a considerar em sua maioria “moralmente proibido”. Embora não haja uma boa explicação para a existência de tais diferenças nas intuições de homens e mulheres. Longino defende que a apreensão do conhecimento se dá de forma distinta para os gêneros feminino e masculino, não fazendo aqui uma distinção de sexos. Se a apreensão do conhecimento se dá de forma diferente então consequentemente o resultado extraído desse conhecimento em forma de intuição também será diferente entre os gêneros.

Embora por vezes se faça necessária uma reflexão sobre nossos princípios morais raramente concluímos que são fundamentalmente incorretos. Quando nos deparamos com alguém que tenha um julgamento moral diferente do nosso, nos causa estranheza, e por mais que ambos os lados possam trazer inúmeros argumentos em favor de seu julgamento, parece não haver um consenso sobre a ação correta. Por que ocorrem impasses em nossos julgamentos morais?

Uma explicação para ocorrerem os desacordos é dada por Peter Caven na obra *Moral Disagreement – A Psychological Account and the Political Implications*. Caven defende que há uma pluralidade de princípios morais, e cada pessoa está comprometida como uma força normativa diferente (CAVEN, 2015). O desacordo moral é a situação em que dois agentes possuem julgamentos morais divergentes, cabe notar que um desacordo moral não é necessariamente um dilema moral, em um dilema moral é um conflito interno que se considera ao tomar uma decisão, enquanto em um desacordo o sujeito tende a uma única perspectiva.

O desacordo moral fundamental envolve dois indivíduos no mesmo contexto, que possuem o mesmo entendimento não moral, e sem erros de raciocínio inferencial, mas chegam a diferentes julgamentos sobre casos morais (CAVEN, 2015). Embora haja certos consensos morais gerais sobre muitas

questões nas culturas, ainda existem controvérsias sobre casos morais dentro das culturas.

O centro dos desacordos dentro de uma cultura pode ser identificado segundo os valores de cada indivíduo dentro de dessa cultura. Judith Thomson argumentou que mesmo sendo incontestável que um feto tivesse todas as capacidades de um humano adulto o aborto ainda seria justificado. Porém em nosso cotidiano e nos resultados obtidos por Buckwalter e Stich, podemos notar que mesmo o argumento elaborado por Thomson pode resultar em desacordos, quando consideramos que pessoas dentro de uma mesma cultura tem seus valores formados por diversos outros fatores.

Diversos são os problemas que os desacordos morais podem acarretar para a ética e para a filosofia em geral, esses desentendimentos minam a objetividade da moral e colocam em questão a existência de verdades morais. Se existem desacordos entre e dentro das culturas como poderíamos considerar uma universalização da moral? As respostas racionais parecem encontrar dificuldades quando consideramos os conflitos morais.

4. CONCLUSÕES

O caso do violinista é apresentado como um dos diversos casos de desacordos morais presentes na ética, questões como estas demonstram que desentendimentos morais se encontram difundidos, profundos e resistentes a resolução racional. Em nosso cotidiano comumente nos deparamos com pessoas que possuem diferentes intuições no que se refere a política, a intervenções através dos limites nacionais e demais questões.

Os desacordos morais levantam uma série de problemas para o universo moral, para os teóricos, até que ponto a tese do desacordo pode prejudicar a objetividade moral? Existem fatos morais? Para a nossa prática cotidiana, se a tese de que existem desacordos morais estiver correta, como compreenderemos quais são ou se existem verdades morais? Os desacordos morais parecem representar um problema para as respostas racionais e tentativas de universalização da moral.

Quando colocadas em voga as diferenças culturais presentes nas sociedades, sejam estas, religiosas, de gênero, econômicas, etc, as divergências nas intuições que as pessoas têm são por vezes impedimentos para a busca de uma verdade moral. Para os filósofos e pensadores esses desacordos levantam questões teóricas sobre a objetividade da moral, se existem fatos morais, e sobre a existencia de uma verdade moral, questões práticas sobre como devemos agir e pensar em relação àqueles que entram em desacordos conosco, como em casos onde política de determinados países intervêm em outras culturas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCKWALTER, Wesley. STICH, Stephen. *Gender and Philosophical Intuition*. In. KNOBE, Joshua. NICHOLS, Shaun. *Experimental Philosophy Vol. 2*. New York: Oxford University Press, 2011.
- CAVEN, Peter. *Moral Disagreement – A Psychological Account and the Political Implications*. Thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy in Department of Philosophy The University of Sheffield 2015.
- GOWANS, Christopher. W. *Moral Disagreement: Classic and Contemporary Readings*. London e New York: Routledg, 2000 e 2001.

- LONGINO, Helen. Epistemologia feminista. In. GRECO, John. SOSA, Enerst. *Compêndio de Epistemologia*. São Paulo: Loyola, 2012.
- PRINZ, Jesse de. Sexo em julgamento: mulheres e homens tem diferentes valores morais. Disponível: <https://filosofiaexperimental.wordpress.com/textos-basicos-traduzidos/sexo-em-julgamento-mulheres-e-homens-tem-diferentes-valores-morais-jesse-prinz/>. Acesso em: 10 out. 2017.
- THOMSON, Judith. *A Defense of Abortion. Philosophy & Public Affairs*, Belmont, Vol. 1, no. 1 p. 69-80, 1971.
- WEINBERG, Jonathan. NICHOLS, Shaun. STICH, Stephen. Normativity and Epistemic Intuitions. In. KNOBE, Joshua. NICHOLS, Shaun. *Experimental Philosophy*. New York: Oxford University Press, 2008.
- ZIMMERMAN, Aaron. *Moral Epistemology*. London e New York: Routledg, 2010.